Jordan Bruno Genta

Monsenhor Tiso

O Governante Mártir

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Jordan Bruno Genta

Monsenhor Tiso

O Governante Mártir

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

PRÓLOGO..... 5
A Mons. Josef Tiso..... 10
Artigo publicado no jornal “Combate”.....12
Apontamento Biográfico.....14
CONFERÊNCIA DO PROF. JORDÁN BRUNO GENTA EM HOMENAGEM A MONS. JOSEF TISO..... 17
DISCURSO PRONUNCIADO PELO PROF. JORDAN BRUNO GENTA EM HOMENAGEM A MONS. JOSÉF TISO NA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE POMPEIA – BUENOS AIRES 25

“A vida verdadeira desceu até nós, assumiu a nossa morte e a matou com a abundância da Sua Vida” - Santo Agostinho

“...Graças a Deus — e é o meu mais legítimo orgulho — permaneço no mesmo lugar em que estava então e espero que a morte me encontre nessa definição católica e nacionalista que professo há quarenta anos e à qual consagrei a minha vida” - Jordán Bruno Genta.

PRÓLOGO

Este ano que se encerra leva consigo o quinquagésimo aniversário do martírio de Monsenhor Tiso. Só o seu nome já diz tudo para os filhos fiéis da entranhável nação eslovaca. E, com efeito, o mesmo acontece com seus inimigos históricos, que, ainda hoje dominadores impunes e estultos, não poderão esquecer aquele que os enfrentou tão galhardamente, com a sua palavra, com a sua conduta e com o seu sangue.

Mas esse nome, carregado de ressonâncias para uns e para outros, e pronunciado no Céu à direita do Pai, nada significa diante das gerações atuais, nem perante esses cristãos acédicos, ignorantes das glórias da Igreja e sempre prontos a se desculpar por aquilo que lhes fizeram crer que são os seus desvios.

São eles, portanto, os que primeiro precisam conhecer estas páginas. Conhecer, antes de tudo, que a Eslováquia possui uma história percorrida por testemunhas viris da catolicidade, desde os tempos em que São Cirilo e São Metódio levaram a chama invicta do Evangelho às suas terras. Cirilo e Metódio, santos apóstolos, aos quais João Paulo II, seguindo as pegadas de seus predecessores, associou ao patronato da Europa em sua encíclica *Slavorum Apostoli*. Conhecer que Monsenhor Tiso, assim como outros sacerdotes exemplares, como o seu recordado mestre, o Padre Hlinka, compreenderam que, precisamente porque a pátria fincava as raízes de sua fundação no mistério da Cruz, era necessário lutar por seu resgate e trabalhar sem cessar por seu inteiro senhorio. Sem concessões nem compromissos com os destruidores da estirpe. Sem contemporizações nem conchavos com os poderosos; sem duplicidades nem sequer um vislumbre dessa belaqueria comum que hoje envolve tantos pastores trêmulos.

Conhecer, além disso, que foi Tiso, em cada um dos cargos públicos que exerceu, até chegar à própria presidência da República, um sacerdote que assumiu a autoridade como serviço, e não um político que desertou da Ordem Sagrada em busca da carreira eleitoral. Um consagrado que, como tal, velou de modo eficaz por seu povo, em nome da caridade e do bem comum, antes que de programas assistencialistas. Um ungido que

derramou suas bênçãos sobre a nação que governava, mais do que um candidato de enganosas fórmulas mundanas. Um pároco que jamais abandonou o exercício de seu ministério e que, à semelhança de São Luís sob aquele lendário carvalho da França, sendo o primeiro mandatário, atendia às solicitações dos seus à saída das missas dominicais, em sua capela aldeã de Bánovce. Um homem de Deus, entregue hierarquicamente a Ele desde o posto de comando; de joelhos diante do pequeno e infinito pórtico do Sacrário e de costas para a porta larga do horizontalismo.

Foi Tiso o Capelão da Eslováquia. Um verdadeiro Príncipe Cristão em tempos de ateus aplebeados.

Conhecer, ademais, que é possível proclamar a Realeza de Cristo, no cumprimento do primeiro dever de um estadista batizado. E que dessa proclamação prioritária e urgente decorrem todos os bens, como acréscimo após a busca principal do Reino de Deus. Assim, durante os anos de governo do singular presbítero, o seu país, pública e orgulhosamente definido como confessional e como bom vassalo do Supremo Rei, alcançou a prosperidade material e a solução inteligente dos problemas terrenos.

Conhecer, em suma, que Monsenhor Tiso sabia e queria falar claro, desprezando as elipses e preferindo a contundência do verbo essencial. Dado “o caráter infernal do bolchevismo — disse no Parlamento em 1936 — é impossível a conciliação... e não se pode ter em relação a ele nem sequer uma posição neutra”. Três anos depois, em 21 de fevereiro de 1939, acrescentaria no mesmo recinto uma definição categórica: “não queremos ser nem seremos jamais escravos de qualquer ideologia que não brote da nossa tradição eslovaca e do nosso espírito cristão”. Eis a síntese do seu ideário e da sua posição doutrinária: o nacionalismo católico. Esse nacionalismo que é amar e sonhar cristianíssimamente a própria pátria, e que hoje não podem compreender os servidores adocenados da Nova Ordem Mundial.

Conhecer, por fim, que após a vitória dos aliados — ainda celebrada, além de por seus sócios, por alguns pretensos humanistas — a Eslováquia foi invadida pelos vermelhos, padecendo desde então uma dolorosa *via*

crucis, cujas estações de angústia e espanto jamais arrancaram a proverbial lágrima furtiva dos denegridores profissionais de genocídios. A Eslováquia foi invadida; e Monsenhor Tiso, capturado, como não podia deixar de ser, pela polícia norte-americana, acabou entregue aos verdugos de Moscou. Conheceu então a prisão e os vexames, os campos de concentração — que a história oficial escrita em Yalta esquece — e as torturas físicas e morais. Conheceu a crueldade do bolchevismo que ousara desafiar e a negra aliança entre liberais, marxistas, judeus e maçons. Os mesmos que hoje são objeto de imerecidos galanteios e absolvidos de uma história que os viu como algozes de cristãos e perseguidores da Igreja. Mas o Padre Tiso conheceu também a particular assistência da graça. E manteve-se varonilmente ereto até o fim, preferindo a morte de mártir à traição que lhe propunham protagonizar para salvar a própria vida. A forca pôde cingir-lhe o pescoço, mas já não podia cingir-lhe o coração. Puderam dispersar ao vento as suas cinzas, mas não a unidade da sua alma, junção inamovível de amores essenciais e feixe sem fissuras da contemplação de Deus e da Eslováquia.

Dupla lição a sua, de nacionalismo e de martírio cristão, de zelo sacerdotal e de piedade pátria, de pastoreio do rebanho e de condução dos cidadãos. E conhecer tais coisas justificaria amplamente a reedição deste opúsculo que hoje se apresenta.

No entanto, ele possui para nós um valor especialíssimo: o de ter sido escrito por um argentino que foi capaz de viver e de tombar em combate na defesa dos mesmos altos bens pelos quais lutou e tombou Monsenhor Tiso.

Tudo é paradigmático nessas palavras de Genta que exaltam a figura do egrégio eslovaco. Tudo é paradigmático, mas, ao mesmo tempo, misteriosamente premonitório. (E nunca é demais recordar que o mistério é diafaneidade e luz).

Paradigmática é a exaltação do Varão Justo, como emblema de uma genuína política de soberania física e metafísica aplicada sobre o corpo e a alma da nação. A exaltação da Cristandade e — por ela — o milagre da comunhão das pátrias, para além das diferenças acidentais. O resgate da

arte das definições, com as quais nomear como convém os réprobos e os eleitos, os malditos e os benditos do tempo e do espaço. Paradigmáticas são as razões — que se elevam na oratória de Genta como os arcos de uma arquitetura gótica — em virtude das quais se ensina que todo homem de honra deve rejeitar o êxito do mundo e homenagear os grandes derrotados; aqueles que, à imitação do Senhor, foram vencidos aqui embaixo por não abdicar das coisas do alto. “Que deferência mais assinalada — dirá Genta com o seu acento inconfundível — ser convocado para honrar um vencido na terra!”. É o alegato de um homem superior que penetrou na concavidade mais recôndita do segredo do Calvário. A confissão, quase inefável, quase incomunicável, de quem viu de perto a silenciosa vitória da Sexta-Feira Santa. É a inauguração transcendente da manhã e da alegria, após a mera imanência da pena e do crepúsculo.

Mas algo mais via Genta quando falava de seu admirado Tiso. Teve “um destino invejável” — proclamava, diante de seus compatriotas exilados que o escutavam como a um mestre — “*porque mereceu o triunfo e a glória do martírio, o martírio, essa boa morte, essa morte preciosa e insuperável onde começa a vida sem morte!”*. E muitos anos depois, voltando fielmente a render-lhe homenagem, insistia em tom impetrante: “permaneço no mesmo lugar em que estava então e espero que a morte me encontre nessa definição católica e nacionalista que professo e à qual consagrei a minha vida”.

A morte o encontrou como queria. E teve-a “boa, preciosa, invejável e insuperável”, tal como a havia descrito ao falar da de Monsenhor Tiso. Premonição misteriosa, dizíamos. Ou desejo reto e ardente que se alcança por méritos próprios. Ou inspiração sob o auxílio da graça, se assim se preferir.

De todo modo, concorrem em Genta os mesmos valores que antes convidávamos a contemplar no biografado: o amor a Deus e à Pátria, a cidadania do Céu e da terra, a disposição para o martírio e o patriotismo militante; o nacionalismo católico, para dizê-lo com as melhores palavras e, por isso mesmo, com aquelas que mais irritam os tíbios.

Soube escrever Gerardo Diego, diante de um morto próximo e digno de louvor, que era “vergonha viver quando os bons morrem”. Que aqui embaixo, nós que ficamos, “cantamos e colhemos as flores do poente. Mas as da aurora, tu sozinho as colhes no jardim celeste da vida, para além do mar da morte”.

Ali hão de estar então, já sem sombras de dúvida, no altíssimo prado, Monsenhor Tiso e Jordán Bruno Genta, colhendo as flores da aurora. Unidos em irmandade de sangue, entoando epinícios para a Eslováquia e para a Argentina. Porque Deus assim restitui a glória àqueles que O serviram em vida.

Nós, aqui, a despeito de tantas perseguições e incompreensões, de tantas solidões e provas, queremos continuar o caminho que nos traçaram com seus exemplos. Precisamente porque os tempos são difíceis, porque os recursos são poucos, porque os desertores abundam e os pusilânimes espreitam. Precisamente porque parece que tudo está perdido e resta ganhar a vida eterna lutando contra o Maligno. Não é mau destino, se se sabe ser dócil às ultimidades da História.

Nós aqui, uma vez mais. Ouvindo — como os soldados de Henrique V nas vésperas de São Crispim — a promessa magnífica e certeira reservada àqueles que forem capazes de se jogar sem reservas: seus nomes serão ressuscitados pela memória viva dos descendentes e serão saudados com taças transbordantes. Os que não tiverem participado da contenda sentir-se-ão vis, e os protagonistas — ainda que tombados — serão enobrecidos pela coragem.

Nós aqui, neste entrevero cotidiano de querer recordar e emular as testemunhas da Verdade.

Para não sentir “vergonha” de continuar vivendo. Até que a flor da aurora — insígnia, firme, altiva — volte a florescer luminosa, regada com o nosso próprio sangue.

Antonio Caponnetto
Buenos Aires. Novembro de 1997

A Mons. Josef Tiso

Eslováquia, alto castelo rochoso.

Ontem foi o turco contra essa fortaleza cristã. Orgulho de Solimões dobrado.

Em seus lagos nunca se refletirão minaretes orientais.

Por suas ásperas montanhas vão-se fechando as passagens diante do avanço infiel.

Coração da Europa Central, vanguarda da Cristandade.

O alfanje pedia sangue. Fez-se um fosso de sangue que guardava o Ocidente.

Ontem, Mitra, primeira Igreja que ergueu a Cruz na terra resgatada para Cristo. Ontem Nitra, hoje Bratislava.

Sangue de mártir a assinala, ai, cinza dispersa aos ventos da Eslováquia.

E as águas de seus lagos sabem amargas, amargas.

Mataram Monsenhor Tiso em Bratislava. A foice está ceifando mais vidas do que o alfanje.

Em 18 de abril, às três da madrugada, no limiar dessa manhã da morte, quase com o próprio sangue está escrita a sua mensagem.

E não apenas para a Eslováquia. Que o Ocidente cristão a escute para se salvar.

Repúdio ao comunismo. Repúdio viril e total.

Para todas as nações, o que diz à sua nação: “perseverar sempre como filha fiel e devotada à Igreja de Cristo”. O poderio soviético apoderando-se do mundo e as promessas dessas palavras ardentes da vida plena, junto da morte: “faço juramento com voto de interceder junto a Deus Onipotente”.

De que ameia, em que torre lutaremos? Já não há castelos rochosos. E tampouco é a alma esse castelo interior de *As moradas*.

Desolação sobre a terra.

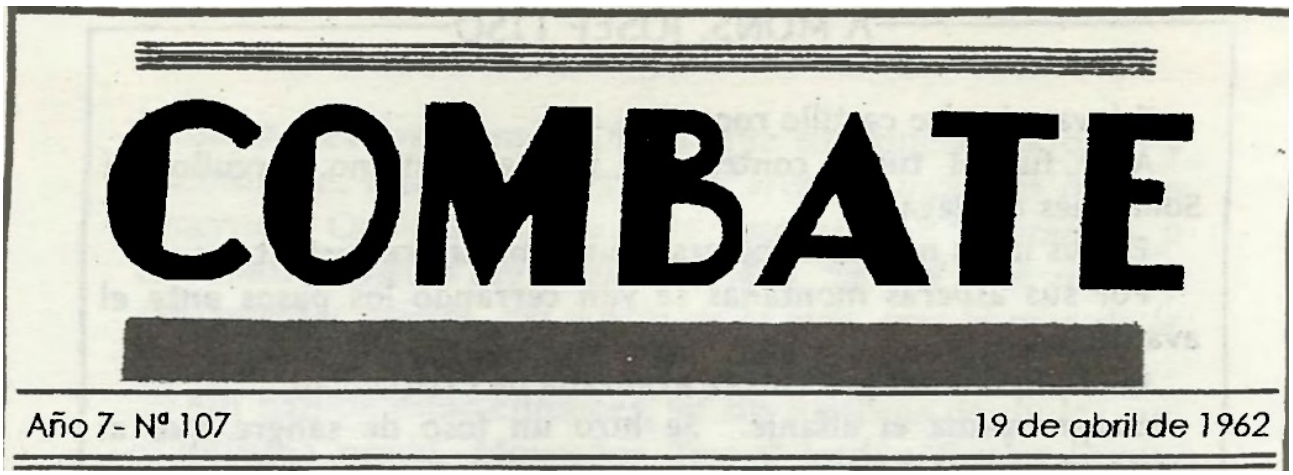
Mataram Monsenhor Tiso. Dispersaram suas cinzas ao vento. Apagaram-no da terra. Seus assassinos não sabem que assim ele intercede no céu.

E não há máquina de guerra mais potente do que um varão justo pedindo a Deus que por nós combata, fazendo-nos combatentes.

María Lilia Losada de Genta

Diário “Combate” Ano 6 – 94, pág. 3
13 de abril de 1961 – Buenos Aires

Artigo publicado no jornal “Combate”



Presidente da República Eslovaca nos anos de 1939–1945. Condenado pelos tcheco-comunistas, padeceu no dia 18 de abril de 1947 o bárbaro suplício da forca; entregou a sua alma ao Todo-Poderoso com o Rosário nas mãos, como mártir da Fé e heróico defensor de sua Nação.

Preso e levado diante de iníquos tribunais comunistas, carregado de correntes, confessou valorosamente — diante de seus verdugos — que, se lhe fosse oferecida novamente a oportunidade de atuar na vida pública, assim o faria — pelo bem de seu povo — com a consigna “POR DEUS E PELA NAÇÃO”, tal como havia feito durante os anos de 1919–1945.

“Na pessoa de Mons. Josef Tiso encontramos uma garantia, porque sabíamos que ele era verdadeiramente um homem de caráter e que não era necessário inquietar-se quanto aos perigos que o nazismo encerrava” (Resposta do Arcebispo Mons. Dr. Karol Kmetke — de Nitra — ao presidente do tribunal, quando foi interrogado acerca do porquê de os bispos estarem satisfeitos com a eleição de Mons. Tiso para o cargo de Presidente da República).

“Mons. Dr. Tiso foi sempre um sacerdote laboriosa e incansavelmente dedicado, e de vida sem mancha. Em sua múltipla atividade, trabalhou pelo bem de todos; pessoalmente jamais procurou enriquecer-se…”

“Estamos convencidos de que, em sua atuação pública, as intenções de Mons. Josef Tiso foram sempre as melhores.” (Carta do Arcebispo Mons. Dr. K. Kmetke e do Bispo Mons. J. Tomanoczy ao Presidente do

Conselho Eslovaco Nacional: 8 de janeiro de 1946. Nesse momento, os demais bispos encontravam-se encarcerados).

Extraímos da publicação “Dr. Josef Tiso” — Passaic, Nova Jersey, U.S.A., 1952. Referindo-se à personalidade de Mons. Dr. Josef Tiso, o senador (U.S.A.) Alvin E. O’Konski disse, em 31 de maio de 1948, em Bedford, Ohio, textualmente: *“É apenas de lamentar que as altas esferas de Washington conheçam tão pouco o que ocorreu com Mons. Dr. Josef Tiso, o que ocorreu com a Nação Eslovaca e o que significa a obra por ele desenvolvida”*.

É lamentável, sobretudo, porque a luta de Mons. Tiso pela liberdade, pela justiça e pelos princípios cristãos não foi apenas a sua luta e a de sua Nação, mas porque, por aquilo pelo que lutou e morreu Mons. Tiso, morreram milhares dos melhores filhos da América na última guerra.

Apontamento Biográfico

A piedade religiosa dos eslovacos venera como mártir pela fé de Cristo e considera como herói da independência nacional Monsenhor Dr. Jozef Tiso, Presidente da Eslováquia, que governou santissimamente, com a obra, o exemplo e a palavra, o povo confiado aos seus cuidados.

O santo sacerdote nasceu em Veľká Bytča, no dia 13 de outubro de 1887. Aos quinze anos, ingressou no pequeno seminário de Nitra. Passou depois a prosseguir os estudos eclesiásticos no colégio Pazmáneum de Viena (Áustria), onde obteve os graus de Doutor em Sagrada Teologia, sendo ordenado sacerdote em 1910.

Os primeiros anos de sua atuação pastoral ele os viveu entre os camponeses. Como pároco da aldeia, não descuidou de nenhuma de suas obrigações paroquiais, merecendo por isso que o bispo da diocese o elogiasse por seu zelo sacerdotal e o propusesse para o título de Monsenhor. É interessante observar que o doutor Tiso não deixou de ser pároco da pequena localidade de Bánovce nem mesmo quando era Presidente da República.

O padre Andrés Hlinka, caudilho dos eslovacos desde 1305, observou a atividade do jovem e erudito sacerdote e o apresentou, em 1920, como candidato a deputado à Assembleia Nacional. Quando o Partido Popular de Hlinka passou a integrar o Governo de Praga, em 1927, o doutor Tiso foi Ministro da Higiene nesse governo. Como ministro, mandou construir o balneário de Sime, um dos mais belos da Eslováquia.

Após a morte de Andrés Hlinka, assumiu a liderança na luta contra os opressores tchecos, insistindo cada vez mais no direito à autodeterminação, pois esse fora o legado espiritual de seu predecessor. Nos momentos da crise tchecoslovaca de 1938 e 1939, aproveitou a ocasião para libertar gradualmente a Eslováquia do jugo tcheco, fundando o Estado Eslovaco independente.

Tiso, eleito Presidente da nova República, inaugurou um período de prosperidade e bem-estar geral até então nunca visto na Eslováquia. Como

Presidente, foi justo e preocupou-se unicamente com o bem do povo. Por isso, o povo eslovaco o amou e o amará sempre.

Sob o seu governo, a Igreja Católica experimentou o período de maior esplendor e florescimento. O Vaticano reconheceu esse fato consolador e quis destacá-lo adequadamente, nomeando para a Eslováquia um Arcebispo metropolitano com sede em Nitra, cargo que se encontrava vago desde a morte de São Metódio (885).

Com o irromper da guerra contra a União Soviética, o doutor Tiso decidiu que o Exército eslovaco tomasse parte nela ao lado das potências anticomunistas. Com essa decisão, atraiu sobre si o ódio mortal dos marxistas. Não é de estranhar, portanto, que no momento da vitória bolchevique os comunistas e seus aliados — os tchecos, para saciar a sua sede de vingança — tenham se precipitado sobre ele, apontando-o como criminoso de guerra e culpado de alta traição. Com essas terríveis acusações, tchecos e comunistas buscavam apenas ocultar os verdadeiros motivos de seus rancores cegos.

Preso e levado diante de iníquos tribunais, carregado de correntes, confessou valorosamente, diante de seus verdugos, que, se lhe fosse novamente oferecida a oportunidade de conduzir o seu povo, voltaria a governar como havia governado durante o período em que exerceu o cargo de Presidente da República.

Por fim, ao ser conduzido ao patíbulo, rezava por seus inimigos; encomendando a sua alma a Deus, morreu santamente e passou ao Reino celestial para receber o prêmio de seu glorioso martírio.

Algumas horas antes de padecer o bárbaro suplício da forca, confiou ao padre capuchinho que o assistia esta mensagem ao povo eslovaco: “Em virtude do sacrifício que ofereço a Deus, digo à Nação Eslovaca que leve sempre adiante, em toda parte e de todas as maneiras, com a maior concórdia e unidade, a grande consigna POR DEUS E PELO POVO. Ela é não apenas a razão de ser da história eslovaca, mas também um mandato explícito de Deus, que a criou à maneira de lei natural e a incrustou na alma do povo e de cada um de seus membros.”

Eu fui servidor dela durante toda a minha vida e, consequentemente, considero-me mártir, antes de tudo, dessa lei divina. Considero-me igualmente mártir da defesa do cristianismo contra o bolchevismo, que o nosso povo, por seu caráter cristão e por seu porvir, deve absolutamente repudiar. Rogo-vos que vos lembreis de mim em vossas orações; eu, por minha vez, faço voto solene de interceder junto a Deus Onipotente para que abençoe a nação dos eslovacos e a sua luta existencial POR DEUS E PELO POVO, e para que a nossa nação persevere sempre como filha fiel e devotada à Igreja de Cristo.

Bratislava, 18 de abril de 1947, três da madrugada.

CONFERÊNCIA DO PROF. JORDÁN BRUNO GENTA EM HOMENAGEM A MONS. JOSEF TISO

Sejam as primeiras palavras para expressar o meu profundo agradecimento à Associação Católica Eslovaca por ter-me convidado a participar deste Ato de Homenagem à memória de Monsenhor Dr. Josef Tiso, Mártir da Fé e heróico defensor de sua Pátria.

Nada pode ser mais grato ao meu espírito do que dar testemunho de uma grandeza real; temo apenas que a minha palavra resulte desproporcionada, em sua limitação, para exprimir adequadamente o significado de uma personalidade que realizou a mais plena imagem e semelhança de Deus; de um varão justo e forte que nada reservou para si, nem a sua alma, nem o seu corpo, nem os seus bens, e que se consagrou por inteiro ao serviço de seu povo; de um destino invejável porque mereceu o triunfo e a glória do martírio, o Martírio, essa boa morte, essa morte preciosa e insuperável onde começa a vida sem morte.

Quero também expressar-vos as razões que justificam a participação de um educador argentino neste ato. Vós, eslovacos, pertenceis a uma antiga comunidade eslava que, há mais de um milênio, se estabeleceu e enraizou-se para sempre nas encostas dos Cárpatos, ali no extremo oriental da Europa, naquele solo áspero e difícil onde repousam inúmeras gerações de vossos antepassados e sobre cujos alicerces inabaláveis edificastes, pedra sobre pedra, a vossa cidade humana. No século IX da nossa era, abandonastes o paganismo e recebestes o ensino do Evangelho; ao longo de mil anos, oprimidos ou cercados por poderosos estrangeiros implacáveis, cultivastes e fortalecestes em vossas almas, em vossos costumes e em vossas instituições, os dois grandes amores que se entrelaçam e confundem em uma mesma vida e em um único destino: a Fé em Deus e a devoção à Pátria. Tão identificados em vós que atentar contra um deles é ofender o outro; e respeitar a liberdade de qualquer um deles é favorecer a livre expansão do outro.

E a prova inequívoca da vossa identidade católica e nacionalista é que fizestes Padroeira da Eslováquia a Virgem Mãe, naquela forma em que é

mais exclusivamente Mãe, a Dolorosa junto à Cruz, transpassado o coração pelos sete punhais; e por isso também, junto à Eslováquia crucificada por confessar o nome de Seu Filho, estende sobre sua carne dolorida o alívio de sua ternura infinita, de seu puro amor de Mãe, a Dolorosa de quem uma mulher argentina diz: “Com dor, salvaste a alegria”.

Como não me sentir próximo de vós, eslovacos, se nos reconhecemos no mesmo Pai e na mesma Mãe, se pertencemos à mesma Pátria espiritual e temos o mesmo sentido de família e de honra pessoal?

Nos separam a geografia, a estirpe, a palavra exterior e outras peculiaridades e idiossincrasias; todas elas diferenças que procedem do princípio de individuação, da matéria que é parte substancial do nosso ser; diferenças importantes, mas subordinadas àquelas coisas principais, àqueles conteúdos universais, àquelas supremas coincidências que nos fazem solidários de um mesmo destino último, tanto no plano pessoal quanto no nacional.

Para falar de Monsenhor Tiso neste segundo aniversário de seu assassinato pelos liberais e maçons tchecos e pelos comunistas, é necessário esclarecer, primeiro, o valor das palavras, o verdadeiro significado dos nomes.

O bolchevismo que já nos domina não se revela apenas naquela mancha vermelha que se estende por toda a Europa Central e quase por toda a imensa Ásia; ele também está presente nos poderosos movimentos populistas que aspiram à conquista democrática do poder em cada um dos países do Ocidente; e, sobretudo, penetrou profundamente nas almas com sua ideologia de morte. O poder destrutivo da bomba atômica é pouco mais que fogo de artifício, ao lado do que realiza a ideologia bolchevique. Se Deus e a alma ainda significam algo para a grande maioria das pessoas, estremeceriam de horror diante do vazio espiritual, diante da indigência intelectual e moral provocada pela ideologia bolchevique, em suas formas sucessivas — do liberalismo religioso, filosófico, político, jurídico e econômico, até o marxismo, onde se expõem as últimas consequências e se planeja a destruição total da ordem existente.

Carlos Marx insiste, desde suas primeiras obras, na proximidade dessa tarefa final e aponta o encarregado de cumpri-la: “Quando o proletariado anuncia a dissolução de toda ordem existente, expressa apenas o segredo de seu ser, posto que é a prática dissolução desse ordenamento das coisas”.

O sintoma claro e inequívoco dessa grande depressão intelectual e moral, desse empobrecimento do homem, é a confusão das palavras.

Perdemos o sentido da realidade e da verdade e, por isso, as palavras mais elevadas, as palavras distintivas, já não são definições; já não expressam a essência e o valor das próprias coisas.

As palavras mais elevadas — Verdade, Justiça, Liberdade, dignidade da pessoa humana, aquelas que nomeiam virtudes e glórias — já não costumam ser mais do que adulações, palavras que lisonjeiam e intimidam. As palavras que não são definições não passam de adulações; nascem do temor, do prazer, da dor, e não da inteligência do que é.

E como a palavra é poderosa, o maior poder da terra, até mesmo a palavra falaciosa — uma propaganda hábil, sustentada, avassaladora — pode ocultar os seres e gestos mais nobres por trás das palavras mais vãs; pode chamar crime ao heroísmo, traição à fidelidade, tirano ao governante justo, servidão à liberdade.

E pode fazê-lo de maneira eficaz, impunemente, quando se dirige a uma inteligência diminuída para a verdade e à covardia generalizada. Essa propaganda bolchevique, aprovada por liberais e maçons, pode chamar Monsenhor Tiso de “criminoso de guerra”, “traidor da Pátria”, “tirano cruel e impiedoso”, e pode fazê-lo impunemente, sem que se levantem maiores protestos, nem mesmo entre os católicos. Antes, assistiremos a um silêncio; e veremos seu nome calar-se pelos próprios irmãos na Fé.

Platão nos ensina que falar impropriamente não é apenas cometer uma falta, mas causar um dano irreparável às almas. E por isso dizíamos que o principal empenho do bolchevismo é provocar o caos e a confusão na existência ocidental, através do caos e da confusão das palavras.

Era necessário fazer essa ressalva para falar com adequação e propriedade de Monsenhor Tiso. Trata-se, portanto, de ir à própria essência, à sua pessoa e aos seus feitos; e vou confrontar sua conduta com a de seus detratores e algozes, diante das questões essenciais para o destino do Ocidente, a fim de que seu perfil essencial adquira o relevo nítido e inconfundível da definição e possa assim ser chamado pelo seu verdadeiro nome.

Lamento que a minha seja apenas uma modesta voz argentina; mas nela reconhecerão plenamente a definição que reabilita a virtude significativa da palavra.

Começo pelos adversários: o Dr. Benes, principal responsável pelo assassinato de Monsenhor Tiso, seguindo a linha oportunista, própria de um liberal e grande maçom, colocou-se às ordens de Moscou para retornar ao poder em uma suposta República Tchecoslovaca, arbitrária e ficticiamente reconstruída com o apoio do Exército soviético e contra a vontade da Nação Eslovaca.

A sensibilidade política do Dr. Benes, atenta aos deslocamentos do poder, levou-o a desinteressar-se de Washington e de Londres, para colocar-se sob a proteção de Moscou.

Mas essa situação idílica durou pouco tempo, exatamente o necessário para que o Partido Comunista Tchecoslovaco, dirigido pelo Sr. Gottwald, chegasse “democraticamente” ao poder. O Dr. Benes não podia desempenhar outro papel nos planos soviéticos senão o de entregador de sua própria Pátria Checa ao comunismo; é o papel constante de todo liberal consistente: evitar que a transição da democracia individualista para a democracia populista ocorra de forma brusca, escalonando uma etapa intermediária, a democracia socialista.

Continuo com a conduta dos hierarcas e pastores das igrejas protestantes da Tchecoslováquia. Reunidos em Praga, acabaram de aderir publicamente ao regime comunista presidido por Gottwald. Não se trata, como poderia ingenuamente supor-se, de uma proposta de “modus vivendi”, mas de uma adesão incondicional e da oferta da mais ampla

colaboração, em mérito ao fato de que o comunismo se apresenta nada menos que como “a realização das exigências cristãs”, tal como nos vinha antecipando o Reverendo Hewlett Johnson, Dean de Canterbury, em sua apologia ao poder soviético.

Em rigor, não estamos diante de uma inconsequência, de uma traição de última hora. Pelo contrário, a inconsequência e a traição estiveram presentes desde o princípio, no tempo de Lutero e Calvino, quando os protestantes romperam a unidade espiritual da Europa, negaram a autoridade de Roma, consagraram o exame livre sem limitação e os direitos da incompetência para questionar a palavra de Deus. Todas as outras rupturas de compromissos, todas as outras negações do princípio de autoridade, todos os outros votos quebrantados não são mais do que acréscimos e consequência lógica da deserção inicial.

Não pode surpreender, então, que o Reverendo Hewlett Johnson complete a secularização do Cristianismo, apresentando Jesus como um trabalhador e precursor sentimental da luta de classes e do comunismo que Marx, Lênin, Stalin e Gottwald realizaram cientificamente.

Até aqui, os fatos dos liberais, maçons e protestantes frente ao comunismo. Agora, os feitos de Monsenhor Tiso nos anos decisivos:

Em 14 de março de 1939, a Dieta da Eslováquia autônoma proclama a República Eslovaca. Monsenhor Tiso, pároco da pequena localidade de Bánovce e chefe do nacionalismo eslovaco desde a morte do Padre Hlinka, é eleito Presidente da República. Vinte e seis nações, entre elas Inglaterra e França, reconhecem o novo Estado por Direito Natural e imposto pela vontade unânime da Nação, aproveitando uma conjuntura histórica favorável.

Seis meses depois estoura a Segunda Guerra Mundial e a Alemanha Nacional-Socialista conquista, nos primeiros anos, o domínio político e militar do continente.

E agora devo sublinhar um fato importantíssimo: durante esses anos, o Estado Nacional Eslovaco desenvolve, em todos os aspectos de sua política, a integridade da ordem e da vida católicas, sem a menor

interferência da ideologia nacional-socialista e, apesar da guerra, alcança um florescimento espiritual e material jamais conhecido antes.

No ano de 1941, Monsenhor Tiso decide pela intervenção do Exército Eslovaco na guerra da Europa contra a Rússia comunista, cumprindo seu dever de católico e de nacionalista.

E a prova incontestável de que foi uma decisão livre, determinada por sua oposição radical ao comunismo e à ameaça que este representa para a vida cristã e para a existência das nações, é sua conduta na hora da derrota, quando os exércitos soviéticos avançavam sobre a Europa em 1944.

Os agentes de Moscou, conhecendo o ascendência espiritual e política que Monsenhor Tiso tinha sobre seu povo, lhe propuseram apoio completo e todas as garantias necessárias caso proclamasse a Eslováquia como República Soviética.

A resposta de Monsenhor Tiso não se fez esperar e, certamente, não foi a mesma que daria pouco depois o Dr. Benes, nem a que acabaram de declarar os hierarcas protestantes reunidos em Praga. Foi a resposta da fidelidade a Deus e à Nação Eslovaca, da fidelidade à Europa eternamente romana; nossa Europa de onde viemos e para onde sempre retornamos para saber o que somos e qual é o fim da existência; o mesmo vocês, filhos da sofrida e valente Eslováquia, lá no extremo oriental da Europa, que nós, argentinos, aqui no extremo oposto dessa Europa nascida de Roma, duas vezes fundadora.

A resposta de Monsenhor Tiso foi:

“Com o comunismo não há compromisso possível. Os comunistas podem fazer o que quiserem com a Eslováquia e com os eslovacos, mas isso será uma violação. A liberdade roubada e ultrajada será sempre nossa; mas a liberdade vendida voluntariamente já não nos pertence.”

Claro está, com o comunismo não pode haver compromisso possível; não pode haver acordo nem acomodação alguma, a menos que se deixe de ser o que se é e a solução seja continuar vivendo de qualquer modo até a hora da má morte.

O comunismo não consiste simplesmente na abolição da propriedade privada e na instauração de um regime coletivista da propriedade.

Ou melhor dizendo, porque suprime a propriedade privada, isto é, uma parte do Direito Natural, pretende a supressão completa da natureza humana. Há uma solidariedade essencial entre as exigências que devem ser cumpridas e respeitadas para que seja possível uma existência humana normal. Abolir a propriedade privada é o mesmo que abolir toda liberdade real e verdadeira do homem: o direito da Nação, o direito do indivíduo de decidir com honra, o direito da inteligência à verdade; toda a vida espiritual e social do homem fica comprometida à servidão irremediável dos administradores do poder supremo do Estado coletivista.

Com o comunismo não há compromisso possível; porque é necessariamente ateu e materialista; porque pretende edificar uma vida humana contra a natureza e, portanto, contra Deus, de quem procede a lei natural.

Compreende-se o ódio desencadeado contra Monsenhor Tiso por parte dos comunistas frustrados e dos liberais traidores. Compreende-se que tenha sido encarcerado e submetido a um processo injusto em Bratislava, acusado como criminoso de guerra e traidor da pátria. Compreende-se o rancor dos renegados diante de sua intolerável intransigência com o mal.

Mas há ainda mais. Em meio ao processo, foi novamente tentado; os comunistas ofereceram-lhe de novo a vida e o poder, caso consentisse em trair seu povo. Sua resposta é a mensagem decisiva, definitiva, que deixou à Nação Eslovaca, pouco antes de ser enforcado em cumprimento da monstruosa sentença, em 18 de abril de 1947.

A última mensagem ao povo eslovaco diz: “Em virtude do sacrifício que ofereço a Deus, digo à Nação Eslovaca que conduza sempre, em todos os lugares e de todas as maneiras, com a máxima concordância e unidade, a grande consigna: POR DEUS E PELO POVO.

Ela não é apenas a razão de ser da história eslovaca, mas também um mandato explícito de Deus, que a criou como uma lei natural e a incrustou

na alma do povo e de cada um de seus membros. Eu fui servo dela durante toda a minha vida e, consequentemente, considero-me mártir, ante tudo, desta Lei Divina. Considero-me igualmente mártir da defesa do Cristianismo contra o bolchevismo, que o nosso povo, por seu caráter cristão e seu futuro, deve repudiar completamente…”

Eis aqui a vossa provada grandeza, filhos da pequena mas grande Nação Eslovaca, vosso direito indiscutível à independência e ao respeito de todos os povos honestos do mundo. Permiti-me expressar minha profunda admiração, pois a vossa fidelidade continuada, a vossa lealdade milenar, mereceu frutificar na altíssima personalidade de Monsenhor Tiso. E estejam certos de que, quando neste Ocidente das heroicas milícias voltarem a brilhar as virtudes viris, o nome do vosso Chefe será ouvido em todo o âmbito da Cristandade e seguido como uma bandeira. E, uma vez que ele recebeu a palma do martírio, talvez algum dia a Igreja, definitivamente triunfante sobre o comunismo — pois o espírito das trevas não prevalecerá — lhe conceda a aureola da santidade.

Jordán B. Genta

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PROF. JORDAN BRUNO GENTA EM HOMENAGEM A MONS. JOSÉF TISO NA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DE POMPEIA – BUENOS AIRES

Monsenhor, reverendos padres, irmãos eslovacos e de todos os povos subjugados do mundo, meus queridos amigos e alunos argentinos:

Há 25 anos, no dia 23 de abril, convidado pelo Dr. Durcanski, que fora Ministro das Relações Exteriores da República Eslovaca, tive a honra de prestar testemunho em homenagem a Mons. Tiso, mártir da Fé em Cristo e herói da pequena, mas grande, Nação Eslovaca.

Vinte e cinco anos depois, o senhor Macek me convida novamente, porque graças a Deus – e é meu mais legítimo orgulho – permaneço no mesmo lugar em que estava então e espero que a morte me encontre nessa definição católica e nacionalista que professo há quarenta anos e à qual consagrei a minha vida.

Mons. Tiso: um homem de Cristo. Um homem de sua Pátria. Como não recordá-lo na imagem de Cristo na qual ele morreu? Há algo em que quero insistir aqui: a força, a realidade, a consistência, a permanência dessa coisa maravilhosa na ordem natural, que é a Nação, que é a Pátria. A Nação é, como a família, da ordem natural e querida por Deus. Uma Nação é a continuidade solidária de gerações com memórias e esperanças comuns, com um destino histórico comum, que ocupa um espaço estável.

A Nação é o lugar natural para o desenvolvimento das famílias e para o desenvolvimento das pessoas humanas, e quando a Nação é promovida em Cristo, quando ela proclama que Cristo reine sobre todas as almas, sobre todas as famílias e sobre a comunidade inteira, então temos aquilo que constitui todo o decoro, toda a dignidade, todo o honra da vida do homem.
(aplausos)

Que deferência tão notável, que motivo de legítimo orgulho, ser convocado para honrar um derrotado na terra. Nós, cristãos, adoramos

Cristo Nosso Senhor não na figura humana do triunfo, mas na figura da derrota.

E há algo que também devo recordar diante de momentos graves, difíceis, tremendos, que chegam vertiginosamente também para a nossa Pátria, ameaçada por essas duas expressões do ateísmo, que são, por um lado, a plutocracia internacional e, por outro, o comunismo ateu. (aplausos)

Quando Nosso Senhor agoniza na Cruz, aos pés dessa Cruz da morte vil, está Sua Mãe, com a pecadora Maria Madalena e algumas mulheres, e um só varão, Seu predileto. Onde estavam Seus fiéis? Onde estavam Seus discípulos? Onde estavam Seus amigos? Onde estava todo aquele povo que O recebeu com palmas alguns dias antes?

Estavam escarnecendo-O ou estavam escondidos.

Qual é a maior dor, a ferida mais profunda, a mais cruel que sofre Nossa Senhora, Nossa Mãe comum, aos pés de Seu Filho agonizante? Não são os sofrimentos, não são tampouco os escárnios, não é o processo inicuo, não é tampouco a condenação à morte vil. O maior sofrimento, o punhal cravado em Seu coração mais profundamente, é a solidão de Seu Filho na Cruz, a solidão humana de Seu Filho na Cruz. Mal pôde Ela dizer a João: "Eis aí Tua Mãe", e a Ela: "Eis aí Teu Filho".

Não havia ninguém mais além desse varão.

Monsenhor Tiso, morto pela Fé em Cristo, morto pelo amor à sua Pátria, morreu à imagem de Cristo. Morreu também de uma morte vil, na forca, e suas cinzas foram espalhadas.

Quero dizer-vos que, quando estivermos na presença de um vencido, de um “derrotado” por esses amores — os mais elevados amores, que são o amor a Deus, o amor à Pátria, o amor à família, o amor ao próximo — não o deixemos sozinho em seu cadafalso. Não fujamos da derrota, não corramos atrás do sucesso, como se esta vida fosse outra coisa senão um lugar de passagem. (Aplausos)

Pelo contrário, devemos nos apegar a essa Cruz, assim como devemos nos apegar à bandeira de cada uma de nossas nações. Porque esse é o signo de nossa dignidade como pessoas, porque esse é o signo de nossa grandeza, porque para isso estamos na terra.

Como disse Nosso Senhor, Nosso Senhor Deus feito homem, disse: "Eu vim para dar testemunho da Verdade." E nós estamos para isso, para dar testemunho da Verdade.

Quando se pensa na história desta pequena grande nação eslovaca, desde o século VII, recorda-se sua conversão ao Cristianismo, mas foi sobretudo no século IX, o século daqueles grandes, daqueles grandes pregadores e missionários que foram São Metódio e São Cirilo.

Que grandeza! Aquele Constantino; depois Cirilo, que professava a Filosofia; Metódio, que professava o Direito, enviados a pedido do Príncipe de Bratislava, da Grande Morávia; o Imperador Miguel III os envia para evangelizar o idioma esloveno, aos povos eslavos da Grande Morávia.

Porque Miguel III lhe diz corretamente em uma carta ao Príncipe de Bratislava: "Grandeza das nações, louvar a Deus, honrar a Deus em sua própria língua, porque a língua, porque a palavra, senhores, é a distinção do homem; é a imagem de que fomos criados pelo Verbo de Deus. Este poder da palavra, este poder da palavra que é o signo de Deus em nós e que Deus nos deu em primeiro lugar para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo, e para servir a todas as coisas que Ele criou, nele."

Os alemães, então, em uma escala vertiginosa de crescimento, aprovaram a ordem cristã da nação eslovaca. Essa ordem foi respeitada, foi realizada, foi cumprida, nesse breve período em que a Eslováquia desfrutou do senhorio sobre tudo o que era seu.

E eu quero dizer algo aqui, porque me agrada estar com os vencidos da terra. Quando os exércitos da Europa, presididos pelo maravilhoso exército alemão, invadiram a União Soviética, eu participei com todo meu coração e com toda minha alma da esperança de que derrotassem os renegados de Deus, os inimigos do gênero humano. (Aplausos)

Por que eu queria, com toda minha alma, o triunfo dessas forças maravilhosas, com essa disposição ao sacrifício e à morte? Porque o triunfo daqueles que venceram na Segunda Guerra Mundial — o imperialismo internacional do dinheiro e o comunismo ateu — iria apoderar-se de toda a terra, como está acontecendo neste momento. (Aplausos)

Que honra! Senhores, estar aos pés da Cruz, como em um campo semeado com os cadáveres daqueles que morreram por amor a Deus e por amor à Pátria.

Não estão diante de um espetáculo de morte, não estão diante de nada que seja aniquilamento; estão na presença do começo da Vida verdadeira, por aquelas palavras maravilhosas que disse Santo Agostinho: "A Vida verdadeira desceu até nós, tomou nossa morte e a matou com a abundância de Sua Vida". (Aplausos)

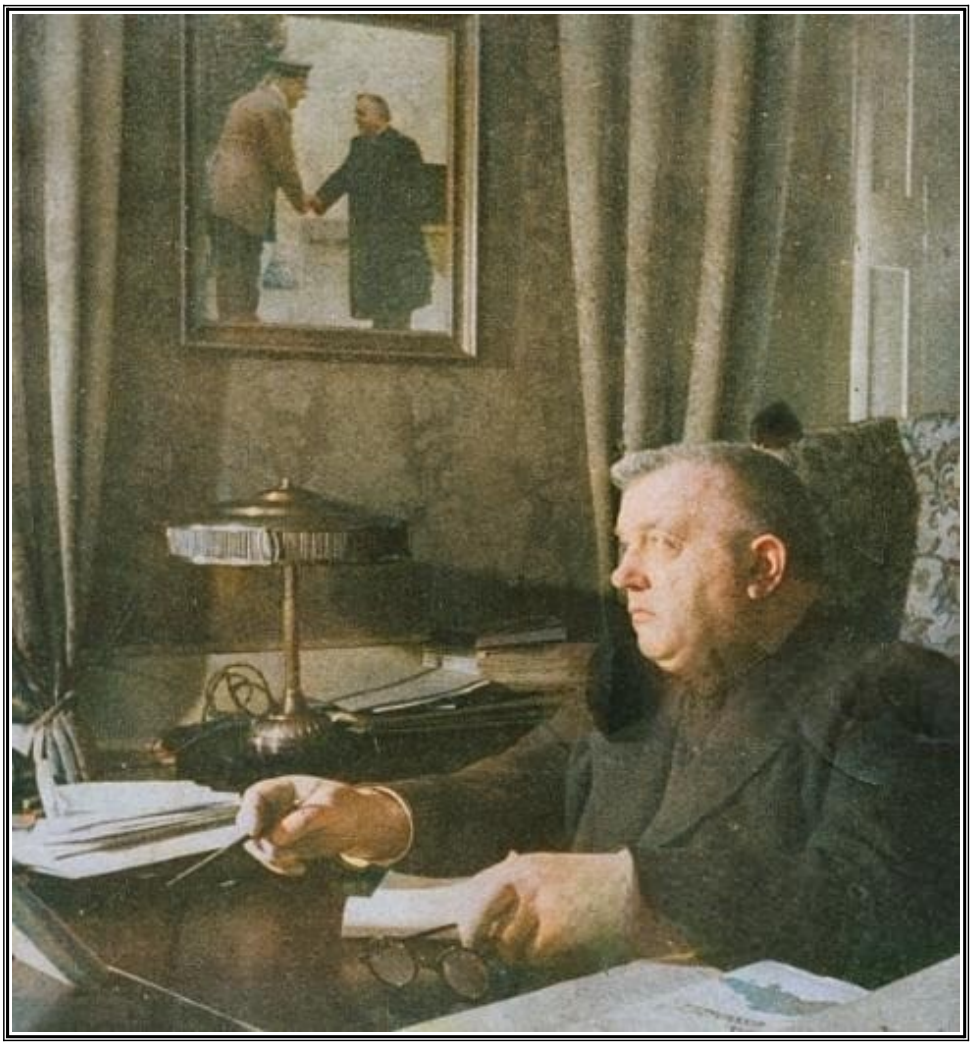
Por essa vida eterna, tão irmãos nos sentimos com os eslovacos, assim como com todos aqueles povos subjugados da Europa — melhor dizendo, entregues pelo plutocracia internacional ao comunismo ateu, em Yalta e em Potsdam. (Aplausos)

Sentimo-nos tão unidos que somos irmãos em tudo o que é essencial; somos irmãos em Cristo, somos irmãos no amor à Pátria, somos irmãos no amor à família, somos irmãos no amor ao próximo. E sabemos perfeitamente, como disse há pouco o Dr. Querol, que nesta vida o único fundamento de toda grandeza é o sacrifício. Cristo disse aos seus discípulos: “Verdadeiramente ama aquele que é capaz de dar a vida por seus amigos”. O primeiro amigo é Cristo, depois a Pátria, depois a família, depois nossos irmãos, nossos próximos.

Queira Deus conceder-nos o testemunho de continuar vivendo e, se for o caso de morrer, que seja do mesmo modo como soube morrer, com pleno consentimento e plena austeridade de sua vida, Monsenhor Tiso.

Quero, além disso, fazer um elogio a este maravilhoso coro Jadran dos Croatas, que há 25 anos também constituía o decoro, a graça e a força do ato em que celebramos o segundo aniversário. (Aplausos)

Buenos Aires, 23 de abril de 1974.



“Os heróis não morrem jamais. Permanecem eternamente vitoriosos e vivem na memória da raça através de seus grandes feitos.” — Federico Rivanera Carlés